

MEMÓRIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICA: EXPERIÊNCIAS DE UM PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Aline Cléia de Matos - G/Pedagogia/UEMS
Ariane Calazans Mori - G/PIBID/Pedagogia/UEMS
Pollyana de Oliveira - G/PIBID/Pedagogia/UEMS
Priscila Batista Mendes de Oliveira - G/Pedagogia/UEMS
Saiaca Naise Silva dos Santos - G/PIBID/Pedagogia/UEMS
Marlon Leal Rodrigues - NEAD/UEMS

Resumo: O presente trabalho foi desenvolvido pelas acadêmicas do 3º ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. A proposta tem por finalidade a retomada das memórias didático-pedagógica dos profissionais da educação. A profissão professor é cercada de desafios a serem superados, embora haja inúmeras funções do profissional. É uma profissão rodeada de desvalorização e precariedade. Além da agressão física e verbal, que vem marcando o fim da segunda década do século XXI, cada vez mais o professor exerce função além do conteúdo, a educação de valores que deveria ser função das famílias dos educandos. Diante de fatos, observados e anunciados constantemente, foi elaborada uma entrevista com o objetivo a Memória Didático-Pedagógica de profissionais da educação.

Palavras-chave: Memórias Didático-Pedagógica. Profissionais da Educação. Entrevista.

Introdução

É importante entender as definições de memória. Vale ressaltar que memórias e lembranças embora assemelhem-se possuem características distintas. Podemos considerar as memórias além de lembranças, senão identidade individual, ou seja, história.

Lembrança é uma trivial recordação preservada em nossas memórias, uma história já vivenciada que se relaciona ao pretérito.

A memória, sempre pronta para se defender de outras lembranças, faz parte da própria existência de indivíduos e grupos sociais, apresenta soluções de continuidade e rompimento, fundamentais em qualquer configuração cultural. A história não está livre dessas vinculações (Ramos, 2010, p. 411).

Por meio das memórias podemos ir adiante, pois deste modo há possibilidade de recordar experiências vivenciadas coletivamente, não se limitando ao consciente de um único indivíduo, transformando-se até em História.

A memória e a história não precisam necessariamente exteriorizar apenas ressentimentos ou ser castigadas por lembranças desagradável. A memória pode ser observada como um processo cultural e de identidade do ser.

A Escolha

A escolha da professora ocorreu mediante a observação da regência da entrevistada. As acadêmicas Ariane e Pollyana desenvolvem o projeto de ensino PIBID¹¹ na Escola Estadual Antônio Delfino Pereira, em Campo Grande - MS, escola que a professora leciona.

Desta forma, o contato com a professora ser acessível, ainda há um outro aspecto relevante que decorreu da atuação na educação básica, na qual a desvalorização profissional e salarial é mais evidente.

A vontade de lecionar tem sido deixada de lado diante das dificuldades e dos dilemas da vida profissional, a desmotivação é causada quando se observa que a sociedade e o governo desvalorizam a profissão uma vez que é a base do desenvolvimento intelectual de uma pessoa, depois da família (Melo, 2015, p. 3).

Embora haja desvalorização, a professora entrevistada acredita na profissão e ainda almeja um futuro diferente para os educadores. Com uma fala simples e descontraída a professora de 30 anos de idade narrou suas experiências ao longo de seus 5 anos de docência.

Mayara Alves Correia concluiu o curso de pedagogia em 2013 no Centro Universitário de Campo Grande – UNAES, instituição extinta em 2016, após a fusão de duas mantenedoras. Atualmente, cursa sua

¹¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o PIBID faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais.

segunda graduação, também licenciatura, Artes Visuais. Por ser portadora de diploma, concluirá ainda em 2019.

Desde seus 15 anos de idade trabalha em instituição de ensino, direta ou indiretamente, com a regência. Trabalhava auxiliando os professores na época de estudante, quando era bolsista, para suprir uma necessidade da escola. Em 2009, mudou-se para o Rio Grande do Sul, e passou a trabalhar como monitora em uma escola de surdos. Em 2010, assumiu a coordenação de uma catequese, que embora não fosse escola, exigia de Mayara atuação pedagógica.

Em 2012, quando ainda cursava a faculdade, trabalhou com a educação infantil na Associação Franciscanas Angelinas – ANFRANGEL – Lar das crianças vivendo e convivendo com o vírus HIV. Uma associação filantrópica, sem fins lucrativos, fundada em 1996. Atende crianças de zero a doze anos de idade de ambos os sexos.

Finalmente, em 2014, após formada, passou a dar aula de artes, por meio de substituição, na rede estadual de ensino para alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

Embora tivéssemos um roteiro pré-determinado acerca das perguntas a serem feitas, em alguns momentos houve a necessidade de adequação do questionário baseada nas respostas da entrevistada. A Mayara foi muito atenciosa com o grupo, reservou sua tarde para nos atender. Sentimo-nos acolhidas. A entrevista teve um tempo médio de 1 hora em 30 minutos.

Convidamos a também professora Lurdete Francisco da Silva, de 39 anos de idade, com intuito de comentar o trabalho da professora Mayara. Lurdete iniciou a entrevista de maneira tímida, no entanto aos poucos sentiu-se mais à vontade. As duas além de colegas de trabalho, possuem uma relação de amizade fora da escola.

A entrevista foi gravada, transcrita e por questões de ética disponibilizada as entrevistadas com a intenção de que posteriormente fosse autorizada a divulgação e que após a leitura pudessem ajustar conforme julgassem pertinente. Somente o professor, o grupo que entrevistou e as professoras entrevistadas possuem acesso ao material.

O grupo sentiu-se gratificado pela presteza das professoras em conceder a entrevista e compartilhar momentos de suas histórias conosco.

Relatório das Entrevistas

No primeiro momento entrevistamos a professora Lurdete, no laboratório de informática da escola. Em seguida, entrevistamos a professora Mayara no mesmo laboratório.

Entrevista com a Professora Lurdete Francisco da Silva

- **Grupo:** Quando e como conheceu a professora Mayara Alves Correia? Comente.

- **Profa. Lurdete:** Eu a conheci bem antes de começar a minha vida aqui na escola, a conheci na igreja. E quando nos encontramos aqui na escola, a nossa amizade se fortaleceu ainda mais com a ajuda com orientações significativas que ela me oferece.

- **Grupo:** Que tipo de relação que a senhora mantém ou manteve com a professora Mayara? Relação pessoal e/ou profissional? Comente.

- **Profa. Lurdete:** A nossa relação atualmente é mais na escola, e como o *WhatsApp* está em alta, nós conversamos bastante via aplicativo, e as vezes ao domingo quando nos encontramos na igreja. Fortalecendo ainda mais a amizade.

- **Grupo:** Conte uma passagem, um episódio importante na carreira da professora Mayara, caso seja possível. Comente.

- **Profa. Lurdete:** Acredito que a Mayara estar aqui é devido sua força, firmeza e persistência. Pois devido a essas qualidades ela consegue se manter no local que ela almeja. Eu gosto muito dela devido a esta firmeza que ela possui.

- **Grupo:** Em sua opinião, como definiria professora Mayara, profissionalmente e pessoalmente?

- **Profa. Lurdete:** Uma pessoa guerreira e batalhadora.

- **Grupo:** A professora Mayara a influenciou de alguma maneira em sua carreira ou relação profissional ou pessoal?

- **Profa. Lurdete:** Quando estou com a Mayara tudo fica mais claro. A Mayara nem sabe, mas ela transmite uma segurança muito forte. Ela ensina e transmite para as pessoas, especialmente para mim, um sorriso, uma alegria, que vai abrindo portas e ela nem sabe disso. Ela pode estar com qualquer problema, mas ela continuará com o sorriso no rosto. É uma maravilha estar próximo a ela.

- **Grupo:** Comente como é a relação da professora Mayara com os colegas de trabalho e com seus alunos?

- **Profa. Lurdete:** Com os colegas de trabalho a Mayara é uma mãezona, no sentido de estar sempre ajudando, principalmente em fechamento de bimestre para o conteúdo. Não sei de onde ela tira tanta informação, de tudo que precisamos, ela dá um jeito para ajudar, seja com ideias ou para pesquisar quando ela não sabe. Está sempre disposta a ajudar. Já com os alunos ela é firme no momento certo. Sabe dosar, no momento de ser firme é firme, no momento de ser doce ela é. Tem muitos alunos que param no corredor e perguntam quando ela dará aula. O ditado “morde e assopra” a define, pois na hora de ser firme ela sabe ser e quando é a hora do carinho ela sabe oferecer.

- **Grupo:** O que acha que permanecerá da professora Mayara em suas atividades, para os alunos e seus colegas de trabalho?

- **Profa. Lurdete:** Para os alunos acredito que ela deixará uma marca em um futuro próximo, para que eles não desistem, para que sejam pessoas fortes e honestas. Pois ela é uma pessoa muito correta, gosta das coisas certas e acaba transmitindo isso aos seus alunos. Já aos colegas, ela ajuda muito, então eu aprendi a ter um olhar mais clínico ao observar quando um colega necessita de ajuda e a me oferecer para ajudar. E desta maneira, eu mesma, estou passando esta corrente que iniciou com a Mayara adiante.

- **Grupo:** Quais atitudes e prática julga significativos da professora Mayara?

- **Profa. Lurdete:** A Mayara é uma pessoa muito amiga, tanto dentro quanto fora da escola, precisando não tem hora, não tem dia. Se você precisa de ajuda a Mayara está disposta. Então, eu a defino como amiga verdadeira, aquela amiga disposta a ajudar em qualquer momento.

- **Grupo:** Caso queira deixar uma mensagem a professora Mayara, fique à vontade.

- **Profa. Lurdete:** Não vai contar para a Mayara que eu a amo, porque ela vai se achar muito (risos). Mas a mensagem é gratidão. Gratidão por tudo o que ela fez e por tudo que ela ainda fará por mim, porque eu digo a ela, que se eu precisar, eu vou atrás solicitando ajuda. Então, Mayara eu amo você. Não conte a ela (risos).

Entrevista com a Professora Mayara Alves Correia

- **Grupo:** Por que você escolheu ser professora? Comente.

- **Profa. Mayara:** Porque eu acredito que podemos fazer alguma coisa de significativo pelo mundo.

-**Grupo:** Fazer a diferença?

- **Profa. Mayara:** Não! Não fazer a diferença. Porque quando usamos essa expressão parece que é abraçar uma causa, se vestir de mulher maravilha e vai lá salvar o mundo. E eu já sai dessa fase. Mas eu sempre acreditei desde pequena, com uns 9 anos de idade, quando eu colocava minhas bonecas para assistir aula, que nós podemos contribuir para o mundo, com as pessoas e deixar marca nas vidas das pessoas. Então, para mim, ser professora é deixar minha estrelinha na vida de alguém. Não de fazer a diferença e sim ser significativo para alguém. Portanto, eu escolhi, desde criança. Sempre gostei, sempre fui comunicativa, criativa é devido a minha busca muito grande por conhecimento e aprendizado, embora tenho origem de uma família humilde. Eu como professora, sou uma pessoa que viso o futuro, viso o mundo. Então quero deixar uma marca e não fazer a diferença, porque não quero ser mulher maravilha (risos).

- **Grupo:** O que é ser professor educador hoje para você? Comente.

- **Profa. Mayara:** É um desafio e uma inconstância. Porque para ser educador, temos que conhecer normas e legislação, ter um amparo para chegar na sala de aula. E hoje isso é uma busca solitária, porque esse amparo está desatualizado, nós estamos no século XXI com um amparo do século XV, onde o professor tinha autonomia e era autoridade dentro de sala. Hoje já não funciona desse jeito. Então o professor tem que ter domínio de conteúdo, estar um passo à frente do aluno, tem que motivar, se envolver, que possui um *insight* (compreensão súbita de alguma coisa ou determinada situação) para entender que determinado conteúdo deve ser transmitido com algo a mais, algo diferente. E hoje possuímos muita informação e a formação dos conhecimentos acabam nos levando a rotina. Então acredito ser mais desafiante dar aula hoje do que há 50 anos. Porque há 50 anos, pegava-se um livro, dominava o conteúdo existente e havia o respeito da sala de aula. Atualmente não funciona desta maneira, eu tenho que conquistar o respeito do aluno, respeito da família, conquistar a minha postura – porque ficamos presos no ideal de salvar o mundo – então eu preciso ocupar o meu lugar como professor, entender quem eu sou, o que eu faço e quais são minhas habilidades e as minhas dificuldades. Porque a sala de aula nos mostra tudo isso, ela escancara suas dificuldades e suas facilidades. Então eu preciso me trabalhar, psicologicamente, humanamente, profissionalmente e buscar todo um pré-requisito de conhecimentos para me tornar um professor. Porque senão você entra em uma sala de aula, vai assustar, e não conseguirá dar aula. Porque sonhamos com uma sala de aula perfeita e ideal e esse tipo de sala não existe e nem nunca existiu.

- **Grupo:** Não é possível ter uma sala de aula homogênea?

- **Profa. Mayara:** Não, nem em uma escola particular. Isso é surreal. E hoje, principalmente em escola pública, não há investimento, o professor precisa muitas vezes estar arcando, auto custear. A expressão “*a profissão é por amor*”, porque gostamos, investimos e queremos o melhor. Acabamos dando mais do que recebendo, e isso se torna desproporcional na balança, causando um desequilíbrio. Estressa e cansa. Me faz pensar “*será que vou aguentar 20 anos de sala de aula?*”, e eu percebo que não quero isso pro resto da minha vida (com relação ao desamparo).

- **Grupo:** Você dá aula desde 2013, durante a faculdade, você chegou a dar aula?
- **Profa. Mayara:** Eu dava aula como substituição. Na verdade, eu trabalho com instituição escolar desde os meus 15 anos de idade, eu era bolsista e eu trabalhava na escola quando faltava professor, acabava dando aulas, sendo esta minha primeira experiência escolar. Já em 2009, eu morei no Rio Grande do Sul e trabalhei em uma escola de surdos, e lá eu era tanto professora quanto monitora, pois eu estava aprendendo libras e eu os monitorava. Em 2010, eu assumi a coordenação da Rosário, era catequese, não era escola, mas existia o lado pedagógico. No mesmo ano comecei a faculdade. Em 2011, eu trabalhava em um convento. Em 2012, eu intercalava entre estágios e substituições. Em 2013, eu entrei na educação infantil com as irmãs angelinas, que eu odiei (risos), sendo a pior experiência da minha vida, porque não consigo trabalhar com crianças que ainda não falam e não andam. Em 2014, eu entrei na rede estadual como professora de artes, eu já era pedagoga, porém consegui aulas como professora de artes, dando aulas do 6º ao 9º ano. E eu acabei aprendendo *na raça, no susto*.
- **Grupo:** É pouco tempo de formada, porém com bastante experiência.
- **Profa. Mayara:** Sim (risos).
- **Grupo:** Quais professores que mais a influenciaram pela escolha do Magistério?
- **Profa. Mayara:** Os professores do fundamental você diz?
- **Grupo:** Não necessariamente, de toda a sua vida escolar. Alguém te influenciou?
- **Profa. Mayara:** Olha, eu tive um professor do 4º ano, professor Gercílio. Eu achava fantástico a maneira que ele dominava a sala. Ele tinha domínio. Eu sempre disse com aquela ingenuidade de criança: *“eu quero ser como ele”*, por causa deste domínio que ele tinha. Depois de um tempo eu entendi que esse domínio era na verdade um respeito que eu tinha por ele, que apesar dele ser homem ele já tinha esse respeito natural, mas ele tinha um domínio que era incrível.

- **Grupo:** E será que ele dá aula ainda?

- **Profa. Mayara:** Não, ele aposentou (risos).

- **Grupo:** E ele é daqui de Campo Grande mesmo?

- **Profa. Mayara:** Ele é daqui mesmo.

- **Grupo:** Então o Gercílio se tornou uma inspiração para você? Quando você atua, você lembra dele de alguma maneira?

- **Profa. Mayara:** Ele serviu um pouco de inspiração. Mas não, eu tenho muita convicção e clareza do que eu sou, então o meu jeito de dar aula, sou bastante sistemática. Então o Gercílio foi uma pessoa que eu admirei, mas a professora que sou hoje é uma construção de todos que já passaram pela minha vida, incluindo professores de faculdade, professores que conheci e acabei trocando ideias, pessoas de encontro até de catequese, de retiros. Então é um conjunto. Eu professora tive uma ideia, achei interessante, bonito, então vou incorporar? Não, não vou. A professora que eu criei é um conjunto de professores, de experiências, de sofrimentos, de psicologia; então hoje quando eu vou para a sala de aula, eu vou convicta que eu sou a Mayara, estou ocupando meu papel como professora. Da sala de aula para dentro eu resolvo, tento não levar as coisas para casa, porque senão adoecemos. E tento não levar meus problemas, por mais que isso influencia, para dentro da sala de aula. A professora Mayara, não é a pessoa Mayara. Porque dentro de sala de aula eu sou exigente, as vezes saio do controle, sou enérgica. A pessoa Mayara é mais tranquila, não é tão exigente com as pessoas, é tranquila; é bem diferente. Eu digo *“não me queira ter como professora porque sou brava”*.

- **Grupo:** Já te vimos dando aula, não é tão assim (risos).

- **Profa. Mayara:** Não, eu sou brava sim (risos). Às vezes eu percebo que tenho que ser menos brava, dar mais liberdade aos alunos, mas preciso ter o controle da situação, senão os alunos pensam que tudo é brincadeira e aí eles ficam sem limite.

- **Grupo:** Você já trabalhou como alfabetizadora?

- **Profa. Mayara:** Em 2017, eu era professora do 3º ano, e eu tive esse desafio. E eu não me identifico como alfabetizadora, porque para mim “a” é “a”, “b” é “b”, o som, a letra, isso pra mim é claro. Mas quando falamos de transposição didática, você transformar esse conhecimento, formação, informação em conteúdo que a criança possa aprender, isso se torna outro universo. Quando estava no 3º ano isso para mim foi muito difícil, fazer com que a criança leia, entenda matemática, porque pra mim o sinal de adição é mais, pra mim não há como confundir o sinal da adição com o sinal de multiplicação. Então, essa clareza que possuo, faz com que eu não consiga transmitir isso para as crianças. E como alfabetizadora, o professor tem que saber transmitir para os alunos de uma maneira que os alunos entendam. Na alfabetização não podemos impor que o teclado é amarelo por exemplo, precisamos construir aos poucos, ir formando. Eu sou pedagoga, admiro os alfabetizadores, eles possuem papel fundamental, são muito importantes. Eu tenho muita didática, mas eu não tenho a competência alfabetizadora.

- **Grupo:** Cite e comente um fato relevante positivo de seu período de sua formação escolar.

- **Profa. Mayara:** No meu estágio. A professora me ensinou que domínio de sala você tem ou não. Se você não tem, você precisa se trabalhar para adquiri-lo. Porque o domínio controla tudo.

- **Grupo:** Foi legal o que ela disse, porque ela não te desanimou, ela te encorajou a se construir.

- **Profa. Mayara:** Sim, mas depende da pessoa ir se construindo para conquistar o domínio. Porque o domínio de sala envolve o respeito, o conteúdo, os conhecimentos que você possui. Claro que para mim, minha altura, o tom da minha voz é um facilitador (risos). Mas essa fala dessa professora foi fundamental. Toda aula eu me trabalho bastante para que eu não perca este domínio.

- **Grupo:** Cite e comente um fato relevante negativamente de seu período de formação escolar.

- **Profa. Mayara:** Para mim um negativo ocorreu quando fui professora regente do 5º ano. Ser professora regente para mim é um problema, porque você tem que ser polivalente, saber e entender de todos os conteúdos. Saber lidar com todas as disciplinas e dominar. E o pior de tudo é você tem a responsabilidade de ensinar a criança, não é nem o melhor. Dominar o conteúdo é até tranquilo e fazer uma resenha e exercícios de determinado assunto também. Agora, transmitir isso para uma sala de 30 ou 40 alunos, que há crianças com dificuldade de aprendizagem, crianças especiais e ter que adaptar o conteúdo. Para mim isso foi um ponto negativo, porque para mim o professor não tem obrigação de ser polivalente, por mais que seja pedagogo não é obrigatório que dominar tudo. Há pessoas sem habilidade pra isso. Eu acredito que seria melhor se professores com habilidade em matemática dessem aulas de matemática, por exemplo. Se tem habilidade em língua portuguesa, dar aula em língua portuguesa então.

- **Grupo:** Seria bem melhor, se considerarmos por exemplo, que há muitas crianças com dificuldade em matemática, porque a maioria dos pedagogos não possuem afinidade com a disciplina.

- **Profa. Mayara:** E é uma coisa que é fundamental. Por exemplo, quando eu era professora do 5º ano, eu dominava muito língua portuguesa e matemática, de fazer com que as crianças saíssem lendo e interpretando os problemas e os resolvendo. Porém, quando eu precisava dar aulas de história e de geografia, eu entendia o conteúdo para mim. Eu lia o texto, entendia, porém não conseguia motivá-los, o que acabou tornando-se um peso. E isso acabou-se tornado um ponto muito negativo e ainda é. Se algum dia, devido eu ser pedagoga, eu precisar ser a professora regente, será porque eu preciso (sentido financeiro), eu vou tentar fazer o meu melhor, mas não é algo que eu tenho facilidade.

- **Grupo:** Comente um pouco sobre suas lembranças na educação infantil.

- **Profa. Mayara:** Tenho, tanto positivo quanto negativo. Ponto positivo é quando você observa o desenvolvimento da criança. Eu gosto de ensinar costumes, organizações e acabo ensinando as crianças a ter um ritmo organizado. E negativo era quando as crianças vomitavam, eu tenho problema com vômitos até hoje (risos). A criança vomita e eu quase vomito junto (risos). Eu vomitei junto com um menino. Ele estava

passando mal, tomou remédio, ele tinha dois aninhos e vomitou no meu pé e eu virei do outro lado e vomitei. Até hoje se eu vejo uma pessoa vomitando eu já saio de perto. Educação infantil não é para mim não (risos).

- **Grupo:** Quais disciplinas mais o(a) influenciaram para sua carreira de professora e educador?

- **Profa. Mayara:** Língua portuguesa. Eu amo língua portuguesa. Na quinta série eu tive a professora Gladis, que era professora de língua portuguesa e inglês. E eu aprendi verbo, conjunção... tudo com ela. E quando eu fui para o ensino médio, redação, ENEM, essas coisas da vida (risos), e tive o professor Ascânio, professora Cláudia.

- **Grupo:** Ascânio é famoso, né?

- **Profa. Mayara:** Ascânio é o melhor professor de língua portuguesa, a Cláudia é professora de redação, a professora Soraya de interpretação de textos, a professora Ivana de literatura. Foram professores que me marcaram. Nossa! O que eu sei de língua portuguesa é graças a eles.

- **Grupo:** Então, sabe o que me lembrei? Você comentou que gostaria de ser professora para deixar uma marca. Então esses professores conseguiram deixar uma marca muito grande em você e eles nem imaginam. Se perguntar para o Ascânio da Mayara ele nem deve lembrar.

- **Profa. Mayara:** Não, o Ascânio nem vai lembrar (risos). Olha o tanto de alunos que ele teve e tem (risos).

- **Grupo:** Então, é esse tipo de marca que você quer deixar em seus alunos? Que daqui há 30 anos eles possam se lembrar da professora Mayara?

- **Profa. Mayara:** Olha, eu acho que eu já deixo. Porque as vezes eu estou na rua e algum aluno me cumprimenta. E eu logo penso: *“quem é você na fila do pão?”* (Risos). Nós entramos na vida das pessoas. Então isso acaba se tornando inevitável.

- **Grupo:** E já aconteceu de você sentir que deixou essa marca em algum aluno que você nem esperava?

- **Profa. Mayara:** Olha, às vezes muitas coisas que eu falo, até mesmo na brincadeira, os alunos me dão um *feedback*.

- **Grupo:** Esquecemos de perguntar, em qual universidade você se formou?

- **Profa. Mayara:** UNAES (União da Associação de Educação Sul-Matogrossense).

- **Grupo:** Embora você tenha se formado há pouco tempo, você sente que há diferença de pessoas que se formaram em 2013 para pessoas que se formaram em 2018, por exemplo?

- **Profa. Mayara:** Eu sinto diferença de pessoas que fizeram o curso a distância e cursos semipresenciais, sem contato com a prática. Eu observo isso até mesmo em uma colega que se formou no ano passado, e ela não sabe muita coisa. Porque educação é relação. Na faculdade a distância só há contato com o computador, livros, vídeos e um colega ou outro. E na faculdade ninguém te ensina a falar com o pai, com o aluno, com a coordenação, com a maneira que você irá reportar um problema. Porque nem tudo o que acontece em sala de aula você consegue levar para a coordenação, pois o questionamento da coordenação é: “*mas o que você fez diante disto?*”. E as vezes você nem sabe como fez e se fez corretamente. Então é preciso dosar. E isso você aprende a partir da prática. E eu vejo que o ensino a distância te ensina menos ainda por falta de relacionamento interpessoal. Eu não tenho nada a contra, há pessoas que fazem a distância e que saem melhores preparadas do que quem cursou presencial.

- **Grupo:** E em relação ao conteúdo? Profissionais formados em 2013 e em 2018, como você percebe o domínio destes profissionais?

- **Profa. Mayara:** Eu vou dizer como saem todos os profissionais (risos). Saem achando que a escola é um paraíso, que os alunos estão na escola com vontade de estudar.

- **Grupo:** E esta é a importância do estágio, não?

- **Profa. Mayara:** Sim, mas quando você é estagiário, você não tem a responsabilidade com a turma. Há poucas universidades que cobram do aluno a boa formação. A residência e o estágio dessas universidades cobram do aluno. Porém, eu sinto ineficiência dos estágios, que muitas vezes possuem apenas uma aula de regência. Observa uma semana e tem apenas uma aula de regência. É necessário mais de uma semana e mais de uma regência.

- **Grupo:** Não está no questionário, mas você nos fez querer fazer uma pergunta: o professor regente nem sempre recebe o estagiário de braços abertos, por que?

- **Profa. Mayara:** Porque ele não está preparado. O professor se sente avaliado. Quando não temos a noção de qual é o nosso lugar, o outro realmente amedronta. E é isso que eu digo de nós nos construirmos. Aquele termo *resiliente*, o termo mais lindo. O que é ser resiliente? É me dobrar, me esquentar e voltar a ser o que eu era? (Risos). Eu digo, para fazer estágio na minha sala, as portas estão abertas e eu sempre digo para absorver aquilo que achar importante e aquilo que não é não absorve. Há vários métodos de ensino, construtivismo – acho ótimo, porém não temos recurso no Brasil. O montessoriano – acho legal. Mas você tem que ter domínio da sua metodologia, porque ficar preso em teóricos você acabará se perdendo, se a cada dia basear-se em um diferente. Ao escolher a metodologia, faça seu melhor e domine. Eu sou totalmente a favor dos estagiários fazerem exatamente o que vocês estão fazendo, uma residência pedagógica¹², um PIBID, para olhar, vivenciar, aprender, interferir e fazer parte disto, porque após formado, ninguém se preocupa se você é recém formado ou não. Você precisa entrar na sala, dominar a sala, o conteúdo e apresentar resultado.

- **Grupo:** E você acaba sendo cobrado por todos, sociedade, família, escola...

¹² Iniciativa do Ministério da Educação – MEC, coordenada pelos Programas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Inicialmente, a Residência Pedagógica é vinculada à formação das disciplinas da Base Nacional Comum Curricular. O programa é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores. Com o objetivo de aperfeiçoar a formação prática nos cursos de licenciatura, promove a imersão do licenciando na escola de educação básica a partir da segunda metade de seu curso.

- **Profa. Mayara:** Então, vocês querem ser professora mesmo? (Risos). Daqui a pouco vocês vão largar tudo e fazer medicina (risos).

- **Grupo:** Achamos bem interessante o que você disse a respeito de encontrar uma metodologia a qual você se adapta. Porque é uma dificuldade que nós temos quando vamos fazer o estágio obrigatório, pois ficamos com o receio de que o professor regente está nos avaliando, e principalmente pela falta de experiência e de estarmos no processo de aprendizagem. Isso torna-se válido para nós ainda graduandos.

- **Profa. Mayara:** O estagiário quer fazer uma correlação entre teoria e prática. E quando você se torna professor, você acaba fazendo aquilo que é possível com as condições que você possui. E eu sempre digo que a metodologia é o que vai definir sua sala de aula. Eu tive uma estagiária que eu disse a ela que eu não iria interferir na aula dela, apenas ao comportamento dos alunos, porque a aula era dela e que ela deveria saber o que ela iria passar de conteúdo e o tempo de aula, eu estou aqui para te ajudar com o comportamento dos alunos. Ela entrou na sala de aula e me perguntou: *“o que eu vou dar para eles?”*, e eu disse: *“meu bem! Pegue o livro para te orientar”*. E ela escolheu trabalhar língua portuguesa. Em uma aula de 50 minutos, ela trabalhou em 20 minutos e os outros 30 minutos ficaram perdidos. Mas tranquilo, ela estava aprendendo, faz parte do processo. Mas quando vamos para uma sala de aula precisamos saber o tempo de aula, quanto tempo leva cada atividade, testar as atividades e suas habilidades.

- **Grupo:** E se eu estou no primeiro dia de aula, eu não conheço os alunos. Como planejar uma aula sem conhecer a turma?

- **Profa. Mayara:** Eu trabalho com um esquema já. No primeiro dia de aula, trabalho regras e combinados, se necessário, fico três ou quatro aulas trabalhando isso. Faço apresentação, uma acolhida, regras e combinados – eu passo no quadro, eles copiam, eu levo impresso e eles colam no caderno. Porque isso mostra para eles quem eu sou e o meu sistema de dar aula.

- **Grupo:** Você se julga tradicional?



Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

- **Profa. Mayara:** Bastante (risos).

- **Grupo:** Mas e para quem irá te substituir, e não conhece sua turma, como planejar essa aula?

- **Profa. Mayara:** Eu vou te passar a atividade e o plano de aula detalhado que você irá reger. Eu evito atividades que desafiem os alunos para não gerar uma desarmonia. Eu preparo atividades direcionadas e que eles já saibam fazer.

- **Grupo:** Como foi seu ingresso no magistério?

- **Profa. Mayara:** Olha, foi na sorte (risos). Porque eu havia saído da AFRANGEL, onde eu trabalhava com educação infantil. E ligaram para minha irmã que já era professora de artes e ela já estava com suas aulas definidas, então ela recursou, porém me citou na ligação, pois eu estava desempregada. Precisavam da substituição para o mesmo dia e eu fui. Comecei dando aula para o 7º ano, e foi assim (risos). Sem conteúdo e sem material. Então eu fiz o que eu faço nos primeiros dias de aula: as apresentações e combinados, e levei isso para a vida.

- **Grupo:** Então de uma substituição, virou emprego?

- **Mayara:** Sim, isso já era o emprego. A professora antiga assumiu na rede municipal. Era uma escola integral, tenho sorte com escolas integrais (risos) – a escola Antônio Delfino Pereira, é escola da autoria¹³ da rede estadual, com ensino integral – e chegou avisando que não iria mais, a escola precisava de professor, indicaram a minha irmã, que acabou me indicando, e a partir daí já me passaram a lista de documentação necessária para admissão.

- **Grupo:** Desde a sua vida escolar, você já se imaginava como professora? Comente.

¹³ Uma proposta que trabalha a formação do jovem autônomo, com as competências necessárias para o século XXI, e incentiva o protagonismo juvenil para que os estudantes sejam autores de seu conhecimento e protagonistas na construção da aprendizagem.

- **Mayara:** Desde os 9 anos de idade, com as bonecas, que eu doutrinava, elas tinham que saber ler (risos). A minha mãe conta até hoje as histórias, eu tenho até hoje o quadro negro que eu dava aulas para as bonecas, e eu dizia: “*fulano, você está bagunçando, você não vai para o recreio*”. E eu penso, meu Deus, e eu com 30 anos de idade fazendo a mesma coisa que eu fazia com as bonecas ao 9 anos de idade (risos).

- **Grupo:** Também não está no questionário (risos), está ficando longo porque não paramos de perguntar coisas além (risos). Temos nossa opinião, mas gostaríamos de saber a sua, professor é dom ou é construção?

- **Profa. Mayara:** Vocês estão muito curiosas, aguçadas. Eu tenho esse poder mesmo (risos). É construção. Dom é pegar um violão e tocar. Professor precisa se construir. Porque as vezes você olha para sua carreira e pensa se é isso mesmo que você quer.

- **Grupo:** É a opinião que a nossa. Porque embora você aos 9 anos de idade, dava aulas às bonecas, outra coisa é transmitir conteúdos aos alunos efetivamente. Você tem pouco tempo de formada. Na sua fala, ao mesmo tempo que você tem entusiasmo, nós vemos um desânimo. Ao mesmo tempo que você diz querer deixar marca em seus alunos, você questiona, nós, ainda acadêmicas, se temos certeza do que queremos. Por que essa inconstância?

- **Profa. Mayara:** Pelo sistema que vivemos. Temos essa guerra interna. O sistema exige que sejamos um excelente professor sem nos dar recursos e isso nos frustra. Porque queremos também um retorno financeiro.

- **Grupo:** Então o que te frustra é o sistema e não os alunos? Os alunos não são problemas?

- **Profa. Mayara:** O sistema. O aluno não é problema. O aluno pode vir com mil problemas, mas eu estou aqui para dar aula. Esse é o meu trabalho. Vou dar um exemplo: o médico tem que fazer uma cirurgia no paciente, e este paciente é chato, o médico deixará de fazer a cirurgia em você? Não. Ele vai fazer a cirurgia independente, porque este é o trabalho dele.

- **Grupo:** Este um ponto importante, porque as pessoas se esquecem que professor é profissão, este é o seu trabalho.

- **Profa. Mayara:** É isso! Então o aluno tem problema familiar. Sim ele tem. O que posso fazer? Não tenho tirar ele deste problema, não tenho como tirar o pai dele da cadeia, por exemplo. Eu digo sim para esta realidade. Porque esta é a realidade que temos enfrentado. Mas o meu papel com ele é de ser professora e este aluno precisa demonstrar habilidade e conhecimentos, este aluno precisa atingir os objetivos. Se este aluno tem problemas familiares, nós vamos tentar na medida do possível, o que está ao nosso alcance mediar e auxiliar. Eu não posso ir além.

- **Grupo:** Então se não fosse o sistema. Esquece o sistema. Vamos imaginar o sistema perfeito, o sistema da Finlândia, por exemplo, que abraça o professor. Você indicaria a profissão para nós, acadêmicas, com certeza ou de maneira nenhuma?

- **Profa. Mayara:** Com certeza.

- **Grupo:** Então você não nos desmotiva.

- **Profa. Mayara:** Não, eu apenas digo a vocês para serem realistas (risos). Há uma crença de que o professor tem a bola mágica, e nós não temos, nós não temos apoio. Você já tentou de tudo com o aluno e a direção ainda diz que professor bom é professor que não manda aluno para a direção. Então essas incoerências nos desanimam. Você está dando uma aula das quais você precisa de pinças novos, por exemplo, os pinças ali existente já tem quatro anos, estão quebrados e você não tem condições de trabalhar com este material. E eu tenho custear isso? Não, eu não tenho. E acabamos custeando para facilitar o nosso trabalho, mas não tem que ser assim.

- **Grupo:** É, vamos voltar para o exemplo da cirurgia do médico. O médico fará a cirurgia e ele não vai custear os gastos com os materiais. Se ele precisar custear ele irá cobrar do paciente.

- **Profa. Mayara:** Exatamente. Nós não temos este apoio. Nós não temos para quem cobrar. O aluno quebra, joga fora, xinga, e você não tem nada que te ampare? Vivemos em uma sociedade em que o professor leva a culpa de tudo, mas ninguém nos dá nada. As escolas públicas estão cada vez mais sucateadas. Professor muitas vezes precisa trabalhar em três ou quatro escolas para conseguir pagar suas contas. E há quem diz que professor ganha bem. Não, professor não ganha bem, ganha o que qualquer outra profissão deveria ganhar. Se fizermos os comparativos, outros profissionais deveriam ganhar o que o professor ganha e o professor ganhar o dobro, pois ele forma os outros profissionais. A educação nos possibilita escolhas e não melhora de vida. Pode ser diarista, mas com educação eu posso fazer escolhas para saber o que me traz benefícios bons ou não. O estudo não deve ser para ganhar dinheiro e sim para nos possibilitar escolhas e ampliar nossos conhecimentos.

- **Grupo:** E este é o maior erro da educação, forma pessoas para serem bem sucedidos em sua profissão e ganhar dinheiro. Vamos para uma pergunta utópica: o que você pensa que deveria ser diferente, o que poderia melhorar a educação do Brasil?

- **Profa. Mayara:** No máximo 20 alunos por sala, livros didáticos consumíveis todos os anos (livros que sejam dos alunos, que não precisa ser devolvido no fim do ano letivo, possibilitando que o aluno faça os exercícios no próprio livro didático) e uma legislação que faça com que os pais sejam cobrados através de impostos, a alienação parental, a falta de acompanhamento, a falta de apoio aos filhos e as instituições escolares. Porque se países onde a educação funciona de fato, como Japão, por exemplo, é porque a família é cobrada energeticamente. No nosso sistema brasileiro, de democracia livre, tudo se torna permissível.

- **Grupo:** Como foi, até 2018, sua relação com alunos ao longo desses anos?

- **Profa. Mayara:** Difícil e prazerosa. Um *morde e assopra*. Pela minha personalidade, por vezes, explosiva, acaba dificultando, faz com que os alunos me temem. Porém ao mesmo tempo que tenho esse temperamento eu consigo puxar os alunos para o meu lado. Na maioria das minhas aulas, os alunos

participam e se envolvem. Acaba sendo proveitoso para ambos. E através da minha didática com aula, sendo flexível ou não, mostra ao aluno que a disciplina presente da aula, determinará como a mesma será.

- **Grupo:** Qual sua opinião da relação afetiva entre professor e aluno? Onde eu trabalho, eu abraço as crianças, se vejo triste já quero conversar e entender o motivo da tristeza, por exemplo. Qual sua opinião com relação a isso?

- **Profa. Mayara:** Eu vou usar a teoria. Vygotsky diz que precisamos criar laços com o aluno. Este laço quem estipula é o professor. Você quer criar laços com o aluno e sua família, tranquilo. O que não pode é o aluno e sua família invadir a sua vida. A criança está triste, você não pode esquecer que você é a professora, a criança pode desabafar e chorar para você, mas você não vai resolver o problema dela. Se estiver ao seu alcance, por exemplo, conseguir uma cesta básica porque a criança está passando fome, tudo bem. Mais que isso, pegar uma responsabilidade, isso você não pode. Eu não tenho alunos no meu *Facebook*, porque eu tenho a minha vida pessoal, vou à festas, e os alunos podem me cobrar dependendo da publicação que verem. A minha vida pessoal e meu trabalho não precisam se misturar. Você pode participar da vida da criança, mas você não deve permitir que a criança participe da sua. Porque perde o limite hierárquico entre aluno e professor, do qual o aluno se sente amigo e acaba confundindo as coisas. É diferente da graduação, que acabamos adquirindo vínculo com os professores, adquirindo amizade. Mas já somos adultos, temos noção. A criança e sua família não têm noção (risos).

- **Grupo:** Como é a sua relação com os colegas de trabalho ao longo desses anos? Lembrando que os colegas não são só os professores, é o funcionário dos serviços gerais, o inspetor, a merendeira. Olha, todo mundo quer dar palpite na sala de aula.

- **Profa. Mayara:** Você tem sua sala de aula e eu sou da portaria, e eu penso que a maneira como você está regendo sua sala de aula tem que ser diferente. E isso sem falar na inveja.

- **Grupo:** Bacana você citar a moça da portaria. Porque voltamos a questão da construção. Você teve seu processo de construção e ela não. Ela domina a criança enquanto está no pátio, mas na sala de aula é outro contexto.
- **Profa. Mayara:** São outros requisitos dentro de sala de aula: é o domínio de sala de aula, conteúdo e é a didática.
- **Grupo:** Exatamente. Às vezes escutamos coisas do tipo: *“eu criei três filhos, 5 sobrinhos, eu consigo dominar uma sala de aula”*.
- **Profa. Mayara:** Parabéns para você (risos). São coisas distintas. Entre os colegas falta parceria e respeito. Porque o professor que sente um excelente professor, nem sempre é. Cada um deve ocupar seu espaço, sem achar que todo mundo tem que fazer como você e que o outro professor está dando aula de maneira errada. E aí que os conflitos são gerados, porque as pessoas não sabem ocupar seus lugares, não respeitam a hierarquia. É quando surgem as fofocas, professor adora uma fofoca. Se eu penso que dou uma aula boa e o outro professor não, eu preciso respeitar o momento do outro professor, pois ele é o profissional no momento, ele se preparou para aquela aula e não eu. Talvez este professor esteja fazendo aquilo que ele acredita ser o melhor. E quem está de fora precisa respeitar sem comparações. Porque isso desune a classe.
- **Grupo:** Você pensa em dar aulas para adultos, EJA ou graduação?
- **Profa. Mayara:** Meu sonho. Sou fascinada pela graduação.
- **Grupo:** E você pensa em mestrado? Porque há exigência de no mínimo mestrado.
- **Profa. Mayara:** Eu não penso em mestrado não, penso em doutorado. Vou bem além (risos). Eu só tenho 30 anos de idade, tenho muita coisa para fazer.
- **Grupo:** O que é a escola de forma geral para você atualmente? E o que ela precisa ter de diferente?

- **Profa. Mayara:** A estrutura escolar não irá mudar. A escola manterá a hierarquia piramidal. O que precisaria mudar é a maneira como vemos o aluno. Pois ele é um ser humano e nós vamos encará-lo conforme ele se abre. Hoje em dia queremos um aluno que fale, pense e se comporte como queremos e falta ferramentas para que este aluno possa mudar de postura. O olhar que damos aos alunos não deve ser de piedade, não podemos tirar a responsabilidade da família, ter um olhar apenas para o mercado de trabalho e apenas quantitativo – no sentido de quantos alunos já leem, por exemplo, mas de ser realmente formadora de crítica e reflexão – porque quando permitimos isso, humanamente nós crescemos. Trabalhando o grupo de pessoas, como pessoas em desenvolvimento. Devemos tirar a responsabilidade do professor de que tem obrigação de salvar o mundo. Nós não vamos salvar ninguém. Nem Jesus fez isso, e lembramos dele todos os anos na Páscoa, que sua morte foi para nos salvar. Então, este papel, de julgar, diminuir e supervalorizar não nos cabe, de criar cidadãos para o mercado de trabalho. O papel da escola é fundamental para construir conexões humanas, cerebrais e aprender a (com)viver em sociedade.

- **Grupo:** O que é a universidade e sua função? A escola para você é para (com)viver em sociedade, e a universidade?

- **Profa. Mayara:** E a universidade é para refletir a sociedade. A universidade é a reflexão. Porque se algo não está dando certo, é na universidade, na academia que precisamos analisar e refletir para encontrar respostas, para os tempos atuais. Não é apenas o curso de sociologia que deve ser capaz disso. Todas as graduações precisam refletir e encontrar respostas para os tempos atuais.

- **Grupo:** E você acredita que durante o seu tempo de formação, até 2013, foi capaz de despertar isto?

- **Profa. Mayara:** Um pouco. A universidade particular deixa a desejar neste aspecto. E isto é outro problema. Há uma venda de diplomas.

- **Grupo:** Como é a sua relação, atual, com os alunos? Comente.

- **Profa. Mayara:** Aluno para mim deve ser autônomo. Eu passar uma atividade e ele ser capaz de fazer sozinho. A história de professor mediador para mim não é correto. Professor é professor, mediador é mediador. O tutor, ele é mediador entre professor e aluno, o tutor não incita pergunta nem respostas. Hoje, para mim, os alunos até o fim do ano precisa ser capaz de ser autônomo, organizados, articulados e comunicar seus pensamentos e emoções. E serem capaz de sonhar. O professor é capaz de plantar sonhos nos alunos.

- **Grupo:** A partir de sua experiência de sala de aula, o é ser educador? Aliás, você concorda com a palavra “educador”?

- **Profa. Mayara:** Sim, concordo. Infelizmente adquirimos isso devido a sociedade em que vivemos.

- **Grupo:** E o que você pensa que isso causou na educação, com esse termo “educador”?

- **Profa. Mayara:** Aí iremos falar dos problemas sociais. A partir do momento em que a figura do professor se tornou educador, confundiu-se a hierarquia de pai, de mãe e transferiu a responsabilidade para a escola. Infelizmente, o professor educador, além de transmitir o conhecimento precisa de outras habilidades. Por exemplo, ensinar a criança a escovar os dentes, não cabe a nós, mas assumimos isso, porque senão fizermos a situação fica pior do que já está. Para mim é sempre o sistema. Eu acho disfuncional uma criança de 7 anos estar no 1º ou 2º ano, porque não respeita a maturidade e o espaço da criança. Pois a criança que deveria estar brincando não está preparada para escrever, por exemplo, acabamos roubando da criança a infância que ela nunca mais terá, criando problemas posteriores, consequente a isto – depressão, suicídios. E quando chega em um momento conflitante, que precisa deixar de ser criança, para virar algo que ainda não é adulto, o indivíduo não consegue dar este passo, porque no início foi roubado o seu momento de ser criança.

- **Grupo:** E você pensa que existe uma idade ideal para a criança? E qual seria?

- **Profa. Mayara:** A idade ideal é da maturidade.

- **Grupo:** Mas cada criança amadurece em tempo diferente.

- **Profa. Mayara:** Eu acredito exatamente nisso. Colocar uma criança de 5 anos de idade em uma escola porque a família trabalha o dia todo, você não está a colocando porque você acredita que ela tenha habilidade para ler e escrever, você está colocando em uma escola para resolver um problema social.

- **Grupo:** Na prática de sala de aula, você aplica algum método em particular? Se sim ou não, comente.

- **Profa. Mayara:** Sim, as metodologias são chave de leitura. Atualmente eu abracei a metodologia que deu certo comigo: pedagogia sistêmica. A postura de ser e ver o professor mudou, porque a partir do momento que eu passo a entender o que sou, o que faço e como ocupo meu lugar eu consigo dar os passos para minha profissão. A pedagogia sistêmica me ajuda muito, me dá subsídios para enfrentar a sala de aula com mais firmeza e certeza. O teórico é novo, é Bert Hellinger¹⁴. É recente. Mas eu também utilizo algumas coisas de teóricos mais aclamados, como Piaget, por exemplo. Mas através da pedagogia sistêmica adquiri mais confiança para encarar a sala de aula. O conheci através de um curso de aperfeiçoamento. Infelizmente, não é porque você não quer dar uma aula melhor, é porque todos os seus planos foram esgotados: no plano A você precisava do *Datashow*, não tem, está estragado. No plano B, você pensa em fazer os recortes que havia pensado, mas não tem tesouras e os alunos não trazem de casa. E o que fazemos? O que todo mundo faz, passa atividade no quadro.

- **Grupo:** Você poderia relatar uma experiência positiva de sala de aula em relação ao ensino.

- **Profa. Mayara:** Durante uma formação que os pais foram envolvidos aqui na escola, eu trabalhei o projeto “*O lugar onde eu vivo*”, fizemos uma pesquisa aqui na comunidade Tia Eva¹⁵, entrevista e todo um trabalho pedagógico. E a mãe de um aluno disse que se sentia muito contente com o envolvimento que os alunos

¹⁴ Filósofo, teólogo, psicanalista e pedagogo alemão. Baseia-se em três leis ou necessidades: hierarquia, pertencimento e equilíbrio.

¹⁵ Comunidade remanescente de quilombo desde 1905 reconhecida pela Fundação Cultural Palmares, situada em Campo Grande – MS. Recebe este nome em homenagem a Eva Maria de Jesus, ex escrava, migrou do Estado de Goiás, para o Estado até então denominado Mato Grosso, trabalhou como lavadeira, parteira, cozinheira, curandeira e benzedeira. Procurada por inúmeras pessoas, tomou-se referência na comunidade.

tiveram **com a comunidade e passaram a entender a importância da comunidade para a comunidade**. A mãe me agradeceu pois viu o entusiasmo e a importância que o projeto teve. E a mãe de um outro aluno que eu não gostava muito (risos), me disse que seu filho se sentiu parte da comunidade mesmo não morando aqui, por conhecer a história da comunidade. Isso para mim foi muito honroso. A gratidão, por muitas vezes, paga o que não conseguimos expressar em valores.

- **Grupo:** Você poderia relatar uma experiência não muito boa de sala de aula em relação ao ensino.

- **Profa. Mayara:** Fofoca (risos). O que estraga para mim é a fofoca.

- **Grupo:** Mas e na sala de aula?

- **Profa. Mayara:** Tem muitas. De aluno cuspir na água, xingar, inventar que você bateu nele.

- **Grupo:** Essa de bater acredito que todos já passaram. E teve algo que mais tenha te marcado?

- **Profa. Mayara:** O que atrapalha o meu trabalho não são os alunos. São os adultos. É a fofoca, não respeitar o meu espaço como professora e pensar que eu tenho que ser como querem que eu seja.

- **Grupo:** Se fosse homenagear a um ex-professor, ou colega de trabalho, quem seria e por quê?

- **Profa. Mayara:** A professora Marinete¹⁶, porque ela tem didática, tempo de serviço, uma maneira de transcrever o conteúdo que eu acho fenomenal, a clareza – porque este mundo de metodologia faz com que nós nos perdemos, nós estudamos tanto que as vezes não sabemos o que fazer e ela tem uma dinâmica que gosto muito. Homenagearia também a professora Daniela¹⁷, ela é metódica, gosta das coisas perfeitas, porém muito simples, acessível.

- **Grupo:** Que mensagem você deixaria para os alunos que estão pensando ou estudando para professor?

¹⁶ Atualmente coordenadora do ensino fundamental I na Escola Estadual Antônio Delfino Pereira.

¹⁷ Professora de Artes na Escola Estadual Antônio Delfino Pereira.

- **Profa. Mayara:** Façam medicina (risos). Brincadeira. Eu digo a vocês: encontre uma metodologia, aprendam a fazer diário e entendam que planejamento um gesso, e sim um prever, sonhar possibilidades, eventos que podem acontecer ou não.

- **Grupo:** Que mensagem deixaria para os colegas de trabalho nessa longa caminhada?

- **Profa. Mayara:** Gente, me deixem em paz! (Risos). Saem do meu pé. Me deixem trabalhar em paz (risos). Eu diria *força na peruca*, porque não vamos aposentar tão cedo.

- **Grupo:** Mesmo formada a pouco tempo, se você pudesse recomeçar do zero, sua atividade profissional, o que faria de diferente?

- **Profa. Mayara:** Pedagogia novamente. Por causa da possibilidade que a pedagogia nos dá como humano, profissional e suas percepções. Não sou pedagoga porque gosto de criança. Porque gostar de criança eu gosto do meu sobrinho, que toma banho sozinho, come sozinho e me obedece (risos). Mas sim pelo diálogo com outros cursos, entendimento com a política. A pedagogia nos *empodera* quanto a isso. Não mudaria nada. As coisas são exatamente como são.

- **Grupo:** Qual é a maior dificuldade de sua época como estudante?

- **Profa. Mayara:** Ficar quieta (risos). Eu sempre fui inteligente capaz de fazer duas coisas ao mesmo tempo e não tinha noção que meus colegas não tinha a mesma habilidade. Eu terminava as atividades e conversava, e isso atrapalhava o rendimento dos colegas.

- **Grupo:** Qual é a maior dificuldade do estudante de hoje?

- **Profa. Mayara:** Ler um texto e interpretar. Entender a informação. Eles leem, porém, não absorvem o conteúdo.

- **Grupo:** Exceto fofoca, citada por você diversas vezes, quais os dissabores evidenciados na sua carreira? Comente.

- **Profa. Mayara:** Falta de material, recursos, uma sala de aula muito numerosa. Preciso usar microfone para falar com as crianças e maior investimento financeiro para a carreira.

- **Grupo:** Lembra de algum aluno que tenha recebido influência sua para seguir carreira do magistério? Comente.

- **Profa. Mayara:** Eu tenho pouco tempo de formada, mas já trabalhei em ensino médio. Eu tive uma aluna que hoje faz pedagogia na UFMS porque segundo ela, era lindo a maneira como eu dava aula.

- **Grupo:** O que lhe proporcionou maior alegria na carreira?

- **Profa. Mayara:** Quando um pai ou uma mãe de aluno vem agradecer ou até um aluno. Isso nos dá motivação.

- **Grupo:** Mayara, este espaço é destinado para a senhora deixar alguma mensagem ou complementar algo que não disse, caso sinta vontade. Este é o fim da entrevista, fique à vontade.

- **Profa. Mayara:** Acho que não. A vivência nos ensina a tomar decisões conforme os fatos acontecerem. Não há respostas para tudo, os livros nos ensinam para determinadas épocas, os teóricos tentaram achar respostas para suas épocas. E nós precisamos achar respostas para época em que vivemos.

Considerações Finais

Seria difícil abordar os diversos pontos da entrevista, no entanto, vamos destacar algumas questões: o questionário enquanto espaço de inscrição de discursividade possibilita pelos efeitos de sentido, a inscrição de acontecimentos da memória, isto considerando o fluxo da memória na relação com a discursividade fez fluir a inscrição.

As questões ou perguntas são provocações para aberto do espaço de inscrição dos discursos. Convém ressaltar que em alguns momentos, de acordo dos discursos, algumas perguntas não previstas, foram elaboradas para maior discussão. Situação que foi muito proveitosa em termos de sentidos.

Assim, a inscrição de discursos que representa não apenas a trajetória da professora como também a construção de sua identidade de educadora. Também foi importante os surgimentos no fluxo da memória o cotidiano escolar, seus sentidos que pode nos levar há uma compreensão mais sistemática entre academia e escola.

Referências Bibliográficas

- RAMOS, F. R. L.. Uma Questão do Tempo: Os Usos da Memória nas Aulas de História. Cad. Cedes, Campinas, vol. 30, n. 82, p. 397-411, set.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622010000300009>. Acesso em 16 mai. 19.
- MELO, D. S.. Profissão Docente: Um Estudo Sobre a Desvalorização/Valorização da Carreira. 2016. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra). Disponível em: <http://nead.uesc.br/jornaped/anais_2015/formacao_de_professores_e_profissionalizacao_docente/PROFISSAO_DOCENTE_UM_ESTUDO_SOBRE_A.pdf>. Acesso em 16 mai. 19.
- BRASIL. Ministério da Educação. PIBID – Apresentação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>>. Acesso em 16 mai. 19.
- BRASIL. Ministério da Educação. CAPES dá início ao pagamento da Residência Pedagógica. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/45681>>. Acesso em 16 mai. 19.

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 26 – Março de 2020
Artigo recebido até 25/01/2020
Artigo aprovado até 27/02/2020

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado e Educação. Escola da Autoria. Disponível em:
<<http://www.sed.ms.gov.br/Geral/escola-da-autoria/>>. Acesso em 16 mai. 19.

GRICKSCH. M. F.. Sobre Bert Hellinger. Disponível em: < <https://www.cf-evajacinto.pt/constelacoes-familiares-2/bert-hellinger/biografia-bert-hellinger/>>. Acesso em: 16 mai. 2019.

BRASIL. Palmares – Fundação Cultural. Comunidade Tia Eva é reconhecida como comunidade quilombola.
Disponível em: < <http://www.palmares.gov.br/?p=2530>>. Acesso em 16 mai. 2019